

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Monoparentalidade e luto familiar diante da morte da mãe: percepção dos pais viúvos

Single parenthood and family grief in the face of the mother's death: perception of widowed fathers

Monoparentalidad y duelo familiar ante la muerte de la madre: percepción de los padres viudos

Anelise Foletto de Araujo¹, Gabriela Sarturi Rigão², Helena Dias Bornhorst³ & Caroline

Rubin Rossato Pereira⁴

¹ Universidade Federal de Santa Maria. *E-mail:* anefara@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6745-6641>

² Universidade Federal de Santa Maria. *E-mail:* gabrielasarturi4@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8107-3639>

³ Universidade Federal de Santa Maria. *E-mail:* helena.born@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6750-7071>

⁴ Universidade Federal de Santa Maria. *E-mail:* carolinerrp@ufsm.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9861-8391>

Informações do Artigo:

Anelise Foletto de Araujo

anefara@gmail.com

Recebido em: 22/03/2022

Aceito em: 15/11/2022

RESUMO

Este estudo buscou compreender a percepção de pais (homens) em relação à monoparentalidade e ao luto da família decorrentes da morte de suas esposas. A pesquisa tem caráter qualitativo e delineamento de Estudo de Casos Coletivos, usando-se da análise de conteúdo temática. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro viúvos que tinham filhos crianças. Os resultados indicaram o esforço dos pais em, apesar do sofrimento e dos desafios, priorizar e investir na continuação da rotina da família, significando a perda como propulsora para priorizar a qualidade de vida dos filhos e a vivência de um luto familiar saudável e funcional.

PALAVRAS-CHAVE:

Monoparental; Luto; Paternidade; Família.

ABSTRACT

This study sought to understand the perception of fathers (men) in relation to single parenthood and family grief resulting from the death of their wives. The research involved a qualitative Collective Case Study design, using thematic content analysis. Semi-structured interviews were conducted with four widowers who had children. The results indicated the parents' effort, despite the suffering and the challenges, to prioritize and invest in the continuation of the family routine, giving the loss the meaning of a driver to prioritize the quality of children's life and the experience of a healthy and functional family grief.

KEYWORDS:

Single-Parent; Grief; Paternity; Family.

RESUMEN

Este estudio exploró la percepción de padres (hombres) sobre la monoparentalidad y el duelo familiar tras la muerte de sus esposas. La investigación tiene un carácter cualitativo y está diseñada como un Estudio de Caso Colectivo, utilizando análisis de contenido temático. Se realizaron entrevistas semiestruturadas a cuatro viudos que tenían hijos. Los resultados indicaron el esfuerzo de los padres por priorizar e invertir en continuar con la rutina familiar, a pesar del sufrimiento y los desafíos, significando la pérdida como motor para priorizar la calidad de vida de los hijos y la vivencia de un duelo familiar saludable y funcional.

PALABRAS CLAVE:

Monoparental; Duelo; Paternidad; Familia.

A família monoparental foi definida por Ladvocat (2016) como um arranjo familiar composto pelo pai ou pela mãe que viveram uma separação conjugal, uma viuvez ou que optaram pela adoção ou reprodução assistida sem um parceiro para o exercício da parentalidade. Em relação à viuvez, Brown (2001) destaca que nas famílias monoparentais, em que houve a morte de um dos cônjuges, rompe-se o equilíbrio do sistema familiar, e a intensidade dessa ruptura depende de vários fatores, entre eles, a posição e a função ocupada pela pessoa que morreu.

O impacto da perda do cônjuge gera mudanças significativas na vida cotidiana das famílias, na distribuição de tarefas, atravessadas por períodos de fragilidade, conflitos, insegurança financeira, entre outras (Silva, 2009). Embora as famílias monoparentais masculinas sempre tenham existido, associadas, no passado, principalmente à viuvez, as necessidades dos pais viúvos foram ignoradas na literatura científica. Destaca-se, portanto, uma carência de publicações acerca de intervenções clínicas voltadas para essa população. Além disso, são poucos os estudos que buscam compreender a experiência e os desafios relativos ao exercício da monoparentalidade masculina diante da perda do cônjuge (Yopp & Rosestein, 2013; Walsh & McGoldrick, 1998).

Na literatura nacional, dentre os estudos sobre a viuvez, são mais expressivos aqueles que enfocam a experiência de mulheres. Quanto às investigações que abordam a viuvez masculina, algumas estão centradas na idade adulta tardia ou em idosos, evidenciando os riscos de depressão e de comportamento suicida de viúvos idosos (Lago-Falcão, 2009; Luna, 2019). Em âmbito internacional, os estudos com idosos viúvos também apresentam uma prevalência, sendo os participantes de idade avançada e sem filhos dependentes (McClatchey, 2018; Yopp et al., 2015). A negligência científica aos homens adultos viúvos com filhos dependentes foi observada por Yopp et al. (2015), através de um estudo com 259 pais que perderam a cônjuge em função de câncer. Os resultados sugeriram que os pais viúvos percebiam a si mesmos cumprindo as responsabilidades parentais e referiram estarem satisfeitos em seus papéis, apesar de apresentarem uma sobrecarga psicológica considerável, além do estresse e do sofrimento inerentes ao processo de adoecimento e morte de suas esposas.

Na perspectiva sistêmica, conforme Walsh e McGoldrick (1998), entende-se a perda de um membro da família como um processo transacional, com desafios adaptativos comuns àqueles que a vivenciam. O luto exige da família uma reorganização imediata e também de

longo prazo, além de demandar mudanças nas definições de identidade e nos objetivos da família. Esses processos adaptativos não significam a resolução e a aceitação completa e definitiva da perda, mas a descoberta de maneiras de colocar a perda em perspectiva e seguir em frente com a vida.

Ao considerar a funcionalidade do luto em termos familiares, as autoras afirmam que, embora não se possa impor estágios ou expectativas fixas ao luto, dada a diversidade familiar e as formas de enfrentamento de cada grupo familiar, existem tarefas adaptativas cruciais a serem realizadas (Walsh & McGoldrick, 1998). A primeira tarefa refere-se ao reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda, que é facilitado pela informação clara e pela comunicação aberta sobre os fatos, inclusive com as crianças. Nesse sentido, a participação dos rituais, como forma de confrontar-se com a realidade da morte, compartilhar o sofrimento e receber o conforto da rede de apoio, pode contribuir para a adaptação da família à nova realidade. A segunda tarefa diz respeito à reorganização do sistema familiar e ao reinvestimento em outras relações e projetos de vida, que envolve redimensionar as relações estabelecendo novos papéis necessários para compensar a perda e seguir com a vida familiar. Desempenhar tais tarefas familiares, em um processo adaptativo, mantendo-se conectados como grupo familiar, ao mesmo tempo em que cada membro vivencia aspectos particulares referentes a suas perdas, mostra-se um desafio para as famílias enlutadas e para aqueles que buscam apoiá-las neste processo.

Diante disso, os pais viúvos com filhos crianças ou adolescentes enfrentam desafios simultâneos, associados tanto à viuvez quanto à reorganização da família monoparental, tais como: guiar seus filhos em luto, ajustar-se às exigências de ser o único pai e responsável pela casa e por cuidar de sua própria saúde psicossocial (Yopp et al., 2015). A monoparentalidade masculina a partir da morte do cônjuge ou companheira coloca o homem diante de desafios únicos concernentes à elaboração do seu sofrimento e do sofrimento de seus filhos. Para

Yopp e Rosestein (2013), ser pai no contexto da morte de um cônjuge pode ser um processo confuso, que levanta questionamentos sobre sua competência para o exercício do papel parental em função das novas demandas advindas tanto da própria monoparentalidade (redefinição das funções desempenhadas), quanto pelo processo de luto vivenciado pela família.

No que tange à adaptação à configuração monoparental após a morte, por meio de um estudo com 10 pais norte-americanos enlutados pela morte das esposas, McClatchey (2018) identificou como tarefas centrais: estabelecer novas prioridades, especialmente quanto ao trabalho e às demandas de tempo; comprometer-se com o papel paterno, demonstrando dedicação aos filhos; e utilizar os recursos disponíveis para a família, tais como igreja, local de trabalho, escola dos filhos, vizinhos e família extensa. Além disso, preocupações com a própria mortalidade e em relação a tomar decisões sozinho foram significativas entre os homens. Ainda, os pais expressaram um maior respeito para com as tarefas realizadas anteriormente por suas esposas, que não eram percebidas por eles.

Com relação às tarefas familiares frente ao luto, estas foram analisadas em um estudo com quatro mães e dois pais viúvos com filhos coabitantes, que participaram de um grupo de apoio nos Estados Unidos. Identificou-se que a adaptação às perdas dos cônjuges, a redistribuição de tarefas e a priorização de atividades experienciadas nas famílias, foram capazes de proporcionar um novo vigor à família. Paralelamente, tal adaptação requer uma tarefa de "cicatrização", de modo que a vivência do luto compõe essa jornada que conduz a um novo equilíbrio (Glazer et al., 2010).

Dentre os desafios enfrentados pelos pais viúvos, encontra-se também a necessidade de abordar e conduzir conversações envolvendo as temáticas de morte e finitude junto às crianças/adolescentes. A esse respeito, um estudo com três famílias enlutadas, cujas crianças estavam em atendimento psicológico em uma universidade do Ceará, identificou a morte

como um assunto tabu, evitado pelos familiares junto às crianças (Lima et al., 2018). As autoras defendem, contudo, que a falta de informação deixa as crianças desorientadas frente aos diversos sentimentos desencadeados a partir de uma perda significativa. No processo psicoterápico, para que as crianças conseguissem nomear seus sentimentos, foi importante o estabelecimento de uma comunicação clara em relação à morte e às perdas.

O desafio de falar sobre a morte com as crianças mostra seu ápice no momento de comunicar a perda do ente querido. Esse aspecto foi apontado em um estudo com quatro pessoas do estado de São Paulo, que comunicaram a morte de um parente próximo (mãe, pai ou irmão) a crianças (Lima & Kovács, 2011). No caso da morte de algum dos pais, as autoras identificaram que a elaboração do luto por parte da criança esteve significativamente influenciada pela forma e pelo conteúdo das conversas que os adultos tiveram com ela, pela reação do outro pai e pelas expectativas deste em relação à reação da criança. Conclusões no mesmo sentido foram encontradas em estudo com quatro pais de crianças, cujo outro progenitor encontrava-se em cuidados paliativos em Porto Alegre (RS) (Emer et al., 2016). As autoras evidenciaram o afastamento da criança da realidade da morte. A dificuldade de falar sobre a morte para os filhos foi justificada em função do desejo de preservá-los do sofrimento e devido à insegurança frente às possíveis reações emocionais da criança advindas da notícia.

Ao passo que se valoriza a comunicação intrafamiliar, é preciso lembrar que o pai, de quem se espera apoio e diálogo com os filhos, também se encontra em luto e intenso sofrimento associado a este. Nesse contexto, ressalta-se a importância da rede social de apoio, representada pela família extensa, amigos, comunidades e por profissionais que possam contribuir no momento de fragilidade das famílias enlutadas (Lima & Kovács, 2011).

A partir do exposto, apesar da relevância do tema, evidencia-se uma carência de uma literatura que aborde especificamente o impacto da morte sobre o sistema familiar e sua reorganização, principalmente em famílias monoparentais masculinas. Segundo Paul e Grosser (1998), tais lacunas remetem a uma negação da morte ou a uma tendência a tratá-la como um fenômeno singular e individual, desconsiderando o luto compartilhado pelas famílias. Assim, a partir da compreensão do luto como um processo sistêmico, o objetivo deste estudo foi o de compreender a percepção de pais (homens) em relação à monoparentalidade e ao luto da família, decorrentes da morte de suas esposas.

Método

Participantes

Participaram do estudo quatro homens, com idades entre 33 a 54 anos, que ficaram viúvos enquanto moravam com a esposa/companheira, em um casamento formal ou em uma união estável, e que possuíam ao menos um filho com até 12 anos de idade no momento da perda. Todos os participantes eram residentes em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Como critério para participação da pesquisa, no momento da coleta de dados, os pais deveriam residir sozinhos com os(as) filhos(as), sem a coabitação de uma nova companheira (que configuraria um recasamento) e sem a coabitação de outro membro da família extensa. A fim de preservar as identidades dos participantes, utilizou-se a letra “P” com referência aos pais e a letra “F” aos filhos (as), seguidas por um número de identificação de cada família. As características sociodemográficas dos participantes estão retratadas na Tabela 1 e posteriormente apresenta-se uma breve descrição de cada família.

Família do P1: P1 e a esposa estavam juntos como casal há três anos quando tiveram o filho. Logo após o nascimento do filho, a esposa foi diagnosticada com Lúpus e iniciou o tratamento para a doença. Nos períodos de crise, a esposa passou por internações hospitalares com duração de alguns dias. Faleceu quando o filho tinha dois anos, em decorrência de

complicações da doença, sendo os últimos três meses de vida considerados pelo marido de grande debilitação de sua condição de saúde. No momento da coleta de dados, o filho estava com 8 anos, tendo transcorrido 6 anos desde a morte de sua mãe.

Tabela 1

Caracterização Geral Dos Participantes E Suas Famílias

Participante	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda mensal (Salários mínimos)	Idade filho(a)	Sexo filho(a)	Tempo de viuvez
P1	33	Ensino Superior completo	Servidor Público	10	8	Masculino	6 anos
P2	48	Ensino Superior completo	Servidor Público	20	7	Feminino	2 anos
P3	47	Ensino Médio completo	Industriário autônomo	Variável	12	Feminino	2 meses
P4	57	Pós-Graduação	Médico	10	17	Feminino	5 anos

Nota. A renda foi calculada a partir do valor do salário mínimo nacional vigente em 2019.

Família do P2: P2 e a esposa estavam juntos como casal há sete anos quando tiveram sua filha. Quando a filha tinha três anos, a esposa foi diagnosticada com câncer de mama. Após dois anos de tratamento, época que a filha estava com cinco anos, a esposa faleceu em decorrência de uma metástase no cérebro. No momento da coleta de dados, a filha estava com sete anos, e havia transcorrido dois anos desde a morte da mãe.

Família do P3: P3 e a esposa estavam juntos como casal há dois anos quando tiveram sua filha. Quando a filha tinha seis meses, a esposa foi diagnosticada com câncer de mama, realizou o tratamento e entrou em remissão da doença. Porém, oito anos depois, apresentou câncer nos ossos e no fígado. O tratamento teve duração de 4 anos e a esposa veio a falecer quando a filha tinha 12 anos. No momento da coleta de dados, havia se passado apenas dois meses desde a morte da mãe.

Família do P4: P4 e a esposa estavam juntos como casal há cinco anos quando tiveram a filha. Quando a filha tinha dez anos, a esposa foi diagnosticada com câncer de mama. A mãe realizou o tratamento durante dois anos e, em decorrência de uma metástase no cérebro, faleceu quando a filha estava com 12 anos. No momento da coleta de dados, a filha estava com 17 anos, tendo se passado cinco anos desde a morte da mãe.

Delineamento

Este estudo empregou o delineamento de Estudo de Casos Coletivos, com abordagem qualitativa. Conforme Stake (2000), o estudo de caso coletivo é indicado quando se busca estudar vários casos em conjunto, indagando sobre uma situação ou fenômeno específico, gerando um entendimento, teorização e conhecimento aprofundados e não generalistas acerca da temática. Já a abordagem qualitativa foi empregada pois enfoca o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo & Deslandes 2002). O referencial teórico que embasou a pesquisa foi o Pensamento Sistêmico, que propõe um olhar para a complexidade das inter-relações pessoais, através de três pressupostos fundamentais: a complexidade, instabilidade e intersubjetividade (Vasconcellos, 2002).

Procedimentos e Instrumentos

No que tange aos procedimentos, o estudo foi divulgado por meio das redes sociais do grupo de pesquisa das autoras e em suas redes de contatos pessoais. Não houve contatos espontâneos de participantes e os quatro participantes foram acessados através de indicações de contatos pessoais e profissionais das autoras. Dessa forma, a amostra caracterizou-se como não probabilística e por conveniência (Marconi & Lakatos, 2002). O primeiro contato com os participantes foi realizado por telefone, apresentando os objetivos da pesquisa, procedimentos para realização da mesma e definição da data para o encontro presencial. No encontro para a coleta de dados, todos os participantes receberam os esclarecimentos acerca do estudo e

assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Três participantes foram entrevistados nas dependências da instituição de ensino à qual as pesquisadoras estão vinculadas e um participante (P4) optou por ser entrevistado em seu local de trabalho. As entrevistas foram conduzidas por duas das autoras, gravadas em áudio e posteriormente transcritas a fim de serem analisadas.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de ensino ao qual está vinculado, sob o número CAAE (13116619.5.0000.5346). Desta forma, o estudo segue os preceitos éticos descritos na Resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), que dispõe sobre os cuidados éticos na pesquisa com seres humanos.

Cada participante do estudo respondeu individualmente a dois instrumentos, o Questionário Sociodemográfico, com a finalidade de obter a caracterização geral dos participantes, e a Entrevista sobre a Monoparentalidade Masculina diante da Viuvez. A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, de modo a não restringir ou limitar o entrevistado às questões inicialmente propostas, favorecendo a exploração do tema (Minayo, 2014). A entrevista foi desenvolvida a partir de cinco tópicos: a família antes da morte da esposa; a morte da esposa; os primeiros meses após a morte da esposa; a família atualmente e perspectivas de futuro. Em cada um destes tópicos buscou-se investigar dois temas centrais: o papel paterno em geral e o papel paterno no que tange ao luto familiar.

Análise dos Dados

Os dados coletados através das entrevistas foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo temática (Bardin, 2011), que consiste em desmontar a estrutura e os elementos do conteúdo extraído da fala dos entrevistados, esclarecendo suas diferentes características e seus significados. Para a composição das categorias temáticas de análise, na etapa de pré-análise dos dados, utilizou-se o modelo misto de análise (Laville & Dionne,

1999), que parte de categorias baseadas no conhecimento prévio da literatura, podendo ser modificadas a partir da análise posterior do conteúdo e de seus significados. As categorias teóricas prévias do estudo foram definidas com base nas tarefas postuladas por Walsh e McGoldrick (1998, grifo nosso) como cruciais para a adaptação familiar ao luto, a saber: *o reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda; a reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida.* Ao analisar os resultados advindos das entrevistas, não foram identificados novos temas, de modo que os resultados foram organizados com base na teoria, por meio das três seguintes categorias: aceitação da realidade da morte e o luto compartilhado; reorganização do sistema familiar; e reinvestimentos em outras relações e projetos de vida.

Resultados e Discussão

Aceitação da Realidade da Morte e o Luto Compartilhado

Embora houvesse uma aproximação e certa antecipação em relação à possibilidade da morte das esposas/mães, em função do processo de adoecimento prévio, comum aos quatro casos, os relatos dos pais evidenciaram o sofrimento e a dificuldade em deparar-se com a realidade da morte e a falta da esposa:

Eu tava meio ciente (da proximidade da morte), porque eu sempre posava (no hospital), todos os dias. Daí, eu via que ela tava morrendo aos pouquinhos . . . Eu tava preparado há dez anos já, mas hoje qualquer coisinha já dá saudade (P3, 30/08/2019, em interior do RS).

Eu não tive tempo mesmo de sofrer e eu não queria aceitar. Até hoje eu não aceito, acho que a morte não é pra ser aceita, por mais que seja um processo natural. É um processo natural quando a pessoa vive, tá lá velhinha, daí já teve toda vida. Ela faleceu com 28 anos, então, eu nunca vou aceitar isso (P1, 20/08/2019, em interior do RS).

De acordo com Walsh e McGoldrick (1998), em casos de viúvos, pais de crianças pequenas, a expressão emocional desses pais pode ser bloqueada em função das necessidades e responsabilidades para com os filhos, buscando manter-se ativos e fortes. Nas entrevistas, foi possível notar essa perspectiva de dar continuidade à vida, bem como uma busca de preservar os filhos da exposição a seus próprios sentimentos, ou seja, a tendência dos pais de bloquearem seu sofrimento para dar suporte a essa nova família, agora monoparental: “O sofrimento foi intenso, mas foi um sofrimento silencioso, muito silencioso, porque a E4 (esposa) era discreta até pra sofrer. E ela nos ensinou isso, a sofrer em silêncio. Resignação, como dizem. Aceitar aquilo ali” (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

Não que eu não tenha sofrido, eu sofri bastante, sabe, mas o F1 (filho) não dava tempo. E é aquele negócio, né, depois que tu tens um filho, é uma energia diária que tu tens todos os dias, pra levantar, pra fazer as coisas. Não tem de tu não fazer, de querer ficar deitado. Não existe isso . . . Os momentos que eu chorava, ficava triste, foi depois de ele ir dormir, porque eu não queria ficar mal na frente dele, para que ele não visse o pai dele triste (P1, 20/08/2019, em interior do RS).

A internalização e a contenção das emoções identificadas no relato dos pais, manifestadas pela não expressão da tristeza a fim de preservação do filho ou de resignação, corrobora com os resultados de uma pesquisa nacional realizada por Luna (2019), que investigou as narrativas da reconstrução da significação de 10 mulheres e dois homens. Os homens entrevistados pela autora sinalizaram manter as emoções desencadeadas pela perda em domínio privado e controlado, sendo que a expressão destas somente ocorreu em momentos coletivos de compartilhamento de emoções (velório e enterro). Tais achados remetem à ideia de masculinidade construída histórica e socialmente. Considerando os papéis de gênero que foram preestabelecidos, aos homens era dada a responsabilidade de sustentar a família financeiramente, proteger seus familiares, manter a ordem e a união, não possuindo

espaço para compartilhar as vulnerabilidades e a necessidade de apoio (Teixeira, 2020). Da mesma forma, quando se fala em enlutamento, a cultura vigente influencia a maneira em que esse processo é compreendido e expressado (Silveira, 2020; Troscki, 2022). Está implicitamente concebido que homens não estão autorizados a expressar suas emoções, caso contrário, serão considerados fracos e sensíveis (Silveira, 2020; Teixeira, 2020; Troscki, 2022). Segundo um estudo realizado em 78 diferentes culturas, homens enlutados, por mais que expressem suas emoções, sempre choram menos do que as mulheres (Rosenblatt, 1997). Ademais, aos homens que são dadas as responsabilidades práticas após a morte de um ente querido, reiterando sua responsabilidade por levar a rotina adiante (Walsh & McGoldrick, 1998). Diante disso, o luto precisa ser observado no contexto contemporâneo que reflete as construções histórico-culturais.

No âmbito do luto compartilhado, expandindo essa característica para a família, salienta-se que a maneira como a criança irá desenvolver o processo de luto é influenciada pelo o que lhe é dito, como é dito, como o pai reage, e como este espera que a criança reaja (Leandro & Freitas, 2015). Nesse sentido, quando há um bloqueio da expressão dos sentimentos por parte do pai, o sistema familiar, através de uma espécie de lealdade familiar, pode passar a evitar falar sobre a morte a fim de proteger seus membros do sofrimento associado a essa expressão (Walsh & McGoldrick, 1998). Com isso, o processo de luto pode ser adiado ou até mesmo evitado.

F4 (filha) procurava não demonstrar sofrimento pra eu não me abalar também, e eu também não demonstrava. Fomos levando uma vida normal, mas anestesiando a saudade da mãe. Emocionalmente anestesiados . . . não transparecíamos para um ou outro não ficar abalado (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

A esse respeito, cabe salientar que, mesmo que o luto não seja um processo linear, o tempo cronológico interfere na sua vivência e elaboração dos sentimentos. Mazorra (2009) explica que nos primeiros meses após a morte os enlutados costumam estar tomados pela dor da perda e apresentar mais dificuldade de falarem sobre o assunto. Esse aspecto foi percebido no relato de P3, participante que, diferentemente dos demais, havia experienciado a morte da esposa há apenas 2 meses, e destacou que mesmo buscando manter uma comunicação aberta com a filha, encontrava dificuldades quando o assunto era a mãe e sua morte: “Sobre a morte, F3 (filha) não pergunta, porque a gente, às vezes, quando vai puxar assunto, começa os dois a correr lágrima. Daí, nós já paramos” (P3, 30/08/2019, em interior do RS). P2 referiu buscar noticiar a morte da mãe para F2 (filha) através de uma comunicação aberta e clara sobre os fatos e circunstâncias da morte. Contudo, mesmo nesse caso, as conversações acerca da morte da mãe pareciam bloqueadas:

Eu tive que falar, falar o que aconteceu, onde que tava, pra onde que ia, e que ela ia lá (cemitério) pra ver como era . . . Eu acho que F2 (filha) entendeu bem assim a morte, que a pessoa morreu e não vai voltar . . . Então, não perguntou mais . . . Ela só fala quando é inevitável, quando sei lá, mostra alguma coisa, alguma foto, ou lembra de alguma coisa quando estávamos todos juntos. Espontaneamente ela não fala (P2 29/08/2019, em interior do RS).

Cabe ressaltar que a reação das crianças em relação à morte da mãe depende também do estágio de desenvolvimento cognitivo em que se encontram (Walsh & McGoldrick, 1998). O filho de P1, o mais novo entre os filhos no momento da morte da mãe, tinha apenas dois anos na época da morte de sua mãe e P1 optou por não contar a ele de imediato sobre a morte. Quando P1 contou ao filho, sentiu-se mais confortável relatando o acontecimento de maneira que acreditava fazer sentido para os dois:

Eu expliquei que papai do céu levava as pessoas boas pro lado dele e que a mamãe tava lá. Coincidentemente, no dia tinha um céu bem estrelado, levei ele lá fora, mostrei alguma estrelinha que tava brilhando e disse que aquela era a mamãe dele (P1, 20/08/2019, em interior do RS).

As histórias lembradas pelos pais junto aos filhos sobre a vida e a morte da esposa/mãe ajudam a integrar a experiência da perda em suas vidas, promovendo a conexão familiar e um sentido de continuidade, facilitando seu processo de evolução (Walsh & McGoldrick, 1998). Contudo, ao passo que esses momentos podem causar bem-estar, podem também mobilizar emoções difíceis de serem suportadas pelo sistema familiar:

Evitava falar sobre isso (sobre a morte com a filha). Só tá nas lembranças, porque o sofrimento físico foi muito intenso. A doença machucou muito a E4 (esposa), a imagem da E4, que era uma pessoa normal, debilitou demais e transformou a E4 numa pessoa muito frágil. E isso dava muito sofrimento pra nós (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

Apesar da dificuldade em compartilhar sentimentos e mesmo comunicar-se com os filhos acerca da morte da esposa/mãe, os rituais funerários foram apontados como momentos em que os filhos foram incluídos, em especial no velório. Walsh e McGoldrick (1998) salientam a importância de participações das crianças nos rituais culturalmente significativos como o velório, entendendo que isso facilita o processo de luto. Tornar a morte da mãe uma realidade comum a todos os integrantes da família foi percebida como uma experiência desafiadora para os pais deste estudo. Para tal tarefa, contaram com o apoio de familiares e amigos também nos rituais de despedida, salientando a importância da rede de apoio: “O ambiente (velório) não é bom, né, é só pra ver. Acho que (a filha) ficou uma meia hora, um pouco mais. Mas aí a amiguinha dela foi junto, a mãe da menina, o pai da menina foram tudo junto” (P2, 29/08/2019, em interior do RS); “Ela acompanhou tudo, foi no velório, passou o

tempo todo lá . . . Eu tive que resolver uns problemas de negócio de cemitério e funerária, daí as tias e as primas ficaram conversando com ela” (P3, 30/08/2019, em interior do RS); “Ela participou alguns minutos no velório, quando as amigas a acompanharam” (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

Diferentemente dos demais participantes, P1 relatou não ter levado seu filho para participar da cremação, decisão que se relacionava ao fato de ele não ter contado de imediato sobre a morte da mãe, conforme mencionado anteriormente: “Ela não teve velório, na verdade ela foi cremada né, aí não levei ele nem eu fui também . . . mas hoje ele (filho) sabe que ela foi cremada daí expliquei como é que funciona” (P1, 20/08/2019, em interior do RS). Ainda que a literatura aponte para os benefícios da participação nos rituais fúnebres, Silva (2009) esclarece que não existe certo ou errado em relação às maneiras encontradas pelo sujeito para elaborar seu luto. No núcleo familiar, cada família encontra seu próprio meio de lidar com a morte e com as transformações que ela provoca, ritualizando um processo de luto permeado tanto por questões culturais e sociais, quanto por particularidades, de maneira que faça sentido para a família enlutada.

Reorganização do Sistema Familiar

Os pais entrevistados, apesar de conhecerem e compartilharem as tarefas de casa e rotina dos filhos, relataram alguns desafios e inseguranças ao assumirem os cuidados parentais sem a presença da figura materna. A monoparentalidade masculina, nesta circunstância, coloca o homem diante de inúmeros desafios, envolvendo a elaboração do seu sofrimento, do sofrimento dos filhos e o exercício da paternidade em meio a novas demandas: “Dá um desespero, né, porque a minha preocupação, assim, era com a F2 (filha) que tava com sete anos. Eu não sabia se eu ia dar conta” (P2, 29/08/2019, em interior do RS); “Responsabilidade eu sempre tive, de todos os compromissos dela, a formação dela.” (P3, 30/08/2019, em interior do RS);

Foi bem difícil, por causa de muita coisa pra fazer sozinho, né. Eu nunca tive problemas pra fazer, mas eu vivia cansado, porque trabalhar e estudar e cuidar do F1 e da casa, levar pra escola, ter que fazer temas . . . não é barbada, né. E tipo, quando tu tem alguém já é difícil, e tudo sozinho. E eu tava triste, né, não tinha como não estar (P1, 20/08/2019, em interior do RS).

O período de adoecimento anterior à morte pode permitir que o lar se adapte e se transforme gradativamente, preparando-se para quando o doente não mais estiver presente (Kübler-Ross, 1998). Embora os cônjuges possam assumir gradualmente mais responsabilidade parentais durante o período de adoecimento, a ausência devido à morte do outro cuidador confere uma mudança ainda mais significativa ao sistema familiar (Glazer et al., 2010). Se o marido não estiver acostumado a lidar com as tarefas relacionadas aos cuidados dos filhos, sua sensação de perda pode ser maior (Kübler-Ross, 1998).

Em paralelo a um desejo de preservar, ao menos em parte, os hábitos e a identidade familiar após a morte de uma pessoa significativa como a mãe, é necessário também que a família esteja aberta para mudanças e ajustamentos. Percebe-se que, ao passo que buscavam preservar a estabilidade na vida dos filhos e priorizar a paternidade dentre as dimensões de sua vida, os pais tiveram suas próprias rotinas e hábitos individuais modificados a partir da monoparentalidade:

Nós não mexemos em nada na rotina, tem dias que de manhã ela fazia atividade de natação, outros dias fazia tênis . . . Então, todas essas atividades foram mantidas e alguma coisa que tava programada já de viagem a gente fez (P2, 29/08/2019, em interior do RS).

“Eu gosto muito de pescaria, até nesse intervalo eu fui em uma ou duas, na marcação de gado também, daí parei tudo” (P3, 30/08/2019, em interior do RS). Corroborando com essa perspectiva, no estudo de Yopp et al. (2015), os pais priorizaram suas responsabilidades parentais e domésticas em detrimento de seu próprio bem-estar psicológico. Os autores sugerem que isso não se constitui em uma escolha consciente, e sim, fruto das imediatas demandas do dia a dia enfrentadas na nova realidade vivida pelos viúvos.

Na monoparentalidade, agregam-se exigências e responsabilidades de cuidado com a casa, com os filhos e ainda o autocuidado. McClatchey (2018), a partir de seu estudo com dez pais viúvos do Sudeste dos Estados Unidos, identificou que muitos pais fizeram um balanço de seus estilos de vida após a morte de seus cônjuges e, a partir daí, estabeleceram novas prioridades. Da mesma forma, no estudo de Glazer et al. (2010), os pais e mães viúvos relataram ter que descobrir rapidamente seu papel monoparental e assumir o também o papel do outro cônjuge na família.

Nota-se que a prioridade e maior investimento dos pais, na nova configuração monoparental, foi cuidar e acompanhar a vida dos filhos, tanto pessoal quanto profissionalmente, e que isto estava acima de outras necessidades pessoais, amorosas e sociais. Percebe-se a canalização da satisfação dos pais nos filhos, de modo a buscar prover ou garantir aos filhos um futuro feliz: “Essa é a minha maior preocupação, que ele seja feliz, que não se desvie de uma conduta correta, que se torne uma pessoa do bem, responsável, e espero que aconteçam coisas boas na vida dele” (P1, 20/08/2019, em interior do RS);

Desejo que minha filha consiga ser feliz, realize tudo que ela quiser, que ela seja feliz com aquilo que ela faz, ou seja, desde estudos, a escolha profissional, que ela tenha êxito em tudo e que o meu papel é de orientar tudo isso (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

Além das mudanças relacionadas às tarefas e à rotina, mudanças na qualidade da relação pai-filhos e na comunicação entre eles foram referidas como parte da reorganização do sistema familiar após a morte da esposa/mãe. Características que os homens anteriormente atribuíram à relação dos filhos com as mães, passaram a compor a relação pais-filhos também, havendo uma aproximação e um fortalecimento da relação:

Eu tive que dar prosseguimento ao que ela (esposa) pedia que eu fizesse . . . de eu ser o amigo melhor possível, pra ela não manter segredo comigo, se tiver assunto de coisa de mulher com criança, adolescente, pode me perguntar” (P3, 30/08/2019, em interior do RS)

“A F2 (filha) também se apegou mais comigo. Parece que, assim, houve, sei lá, uma substituição, se não dá com um (mãe), vai com outro” (P2, 29/08/2019, em interior do RS). Para que suas relações com os filhos fossem adaptadas, incluindo mais manifestações de carinho e abertura ao diálogo, foi necessária uma revisão por parte dos homens quanto aos seus padrões de papéis relacionados ao gênero.

A caracterização expressiva de atributos do masculino e do feminino também pode ser refletida a partir do estudo de Flores e Kruehl (2013) com homens responsáveis por famílias monoparentais no Rio Grande do Sul. As autoras notaram que os pais, mesmo afetuosos e com forte vínculo com os filhos, acreditavam que uma mulher faria melhor seus cuidados. Percebe-se essa consideração também na fala de P4: “Meu papel como pai não mudou, acrescentou . . . agregou a uma pseudo-mãe, pra ter aquela sensibilidade de mãe, de tentar entender, puxar diálogo, mas não tem como, né” (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

Segundo Edwards et al. (2018), a partir de um estudo com 244 pais viúvos com filhos crianças ou adolescentes, identificou-se que o aumento da demanda de cuidados pode levar os pais viúvos a sentirem-se pressionados a compensar a ausência de seus cônjuges falecidos.

Com isso, a percepção de sua capacidade de realizar as tarefas parentais necessárias para criar um filho pode ser desafiada.

Desse processo, surgem diversos sentimentos, inclusive o medo de sua própria mortalidade e preocupação em sobreviver para cuidar de seus filhos até que cresçam, conforme destacado na pesquisa de McClatchey (2018) e corroborado neste estudo: “Quando você tem duas pessoas pra cuidar de uma, são duas. Quando tá só você, você não pode faltar. Então, teve coisa simples, quando você vai viajar, vai ter mais cuidado, quando você vai dirigir você vai numa velocidade menor” (P2, 29/08/2019, em interior do RS); “Durante seis meses eu parei de trabalhar em X (outra cidade), de viajar, para não causar uma ansiedade maior de acontecer algum sinistro comigo na estrada” (P4, 24/09/2019, em interior do RS). Assim, ao mesmo tempo em que a morte de alguém próximo revela e escancara a possibilidade da própria morte, no caso desses pais, em uma difícil dicotomia, ela representa também que eles precisam continuar vivos.

Na reorganização da família quanto aos cuidados das crianças, profissionais como babás e empregadas domésticas foram destacadas como importantes por todos os participantes do estudo. “Tarefa de colégio, é a babá que vê. . . . O que eu faço, às vezes, é dizer para a babá o que ela tem que fazer, né, os cuidados que ela tem que ter” (P2, 29/08/2019, em interior do RS). Nota-se que as cuidadoras, mesmo tendo uma relação de trabalho, estabeleceram relações de afetividade na família, sendo reconhecidas, inclusive, como papéis similares a membros da família. “Essa secretária (empregada doméstica) também é tipo aquela tia-emprestada, ela fica de tarde pra eu ficar tranquilo no serviço” (P3, 30/08/2019, em interior do RS).

Eu tenho uma babá que é desde aquela época (do falecimento da esposa). Ela que fica com ele (filho) pra eu trabalhar, pra fazer tudo. Aquela mulher é uma vó pra ele. . . . Ela é meu contraponto, eu sou mais rígido, e ela vai lá e adula, faz tudo o que ele quer (P1, 20/08/2019, em interior do RS).

A família extensa de alguns participantes também se aproximou da família monoparental, especialmente em atenção às crianças: “Recebo ajuda das tias, às vezes, que ficam com ela pra eu ir fazer minhas coisas descansado” (P3); “Teve o apoio de algumas tias que se fizeram presente. Não de forma intensa, sempre alimentava esse convívio eventualmente, com a presença de uma ou duas tias mais próximas” (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

É importante que as funções maternas, durante esse processo de luto, sejam reconhecidas e desempenhadas por outros membros da família, pois, segundo Walsh e McGoldrick (1998), se além da perda da mãe, a criança tiver que lidar com a falta dos cuidados representados por ela, poderá sofrer maiores consequências em relação à elaboração do luto individual e familiar. A expressiva presença de figuras femininas como rede de apoio aos cuidados dos filhos na monoparentalidade masculina corrobora com os achados de Flores e Kruel (2013), que destacam que essa prática também ocorre em outras estruturas familiares, refletindo a crença do cuidado das crianças estar associado às mulheres.

Ainda no que se refere ao cuidado com os filhos e investimento paterno nestes, no presente estudo, todos os pais relataram a busca por suporte ou orientação psicológica para as crianças, e apenas um considerou tal apoio para si mesmo: “Ele (filho) trocou de psicóloga umas duas ou três vezes, mas faz acompanhamento até hoje” (P1, 20/08/2019, em interior do RS); “A F2 (filha), até por uma decisão da E2 (mãe) quando descobriu que estava com a doença, foi para acompanhamento da psicóloga” (P2, 29/08/2019, em interior do RS); “A F3 (filha) faz acompanhamento com psicólogo e tem as orientadoras do colégio que ajudam

também” (P3, 30/08/2019, em interior do RS). Cabe salientar a importância do ambiente escolar como um apoio social e emocional nas famílias participantes. A potencialidade da escola em desempenhar, juntamente com a família, um acolhimento e escuta das angústias dos alunos foi apresentado no estudo de Giaretton et al. (2020), com sete professoras de escolas públicas do ensino fundamental do interior do Rio Grande do Sul. Segundo os autores, ficou evidente que ainda se abre pouco espaço para discussão sobre morte e luto no ambiente escolar. As professoras demonstraram preocupação em tratar do tema na sala de aula, seja pela falta de capacitação, seja pelo medo de falar sobre um assunto que ainda é tabu na sociedade atual. Ainda que tenham receio em falar da perda e do luto, a maioria das entrevistadas reconheceu que essas discussões são importantes e demonstrou vontade em aprender sobre o tema. A partir do presente estudo, percebeu-se que as famílias já têm um canal de comunicação positivo e acolhedor com a escola, facilitando aos pais identificarem esse apoio tanto aos filhos, quanto à sua paternidade.

Reinvestimentos em Outras Relações e Projetos de Vida

Apesar de os pais, nessa nova configuração monoparental, terem como prioridade cuidar dos filhos, nota-se o desejo de reinvestir em relacionamentos amorosos, mencionando a possibilidade de incluir uma nova companheira em suas vidas:

Eu optei por me dedicar exclusivamente a F2 (filha) para só depois tentar fazer outras coisas. Acho que é isso. Vale a pena abrir mão para cuidar dela . . . Mas eu espero encontrar uma pessoa para mim e que possa ser de referência para F2 (P2, 29/08/2019, em interior do RS).

Desejo o melhor possível, que dê tudo certo nos planos que a gente fez . . . que ela termine os estudos, se forme e que tenha uma vida profissional boa. E daí eu não vou dizer que eu não vou casar mais, mas isso aí é com o tempo, não adianta nem pensar

agora, só pra atrapalhar. Eu vou preparar ela primeiro (P3, 30/08/2019, em interior do RS).

Embora, em um período de desorganização em função da perda, possam ocorrer movimentos precipitados de novos casamentos em muitas famílias (Walsh & McGoldrick, 1998), os participantes da pesquisa demonstraram cuidado e zelo, principalmente com seus filhos, ao pensar em se relacionarem amorosamente novamente, como destacado por P4:

Sinto como se fossemos uma família capenga, mas não vou colocar uma figura materna dentro de casa pelo simples fato de que tem que ter alguém . . . Tenho a preocupação de colocar alguém dentro de casa que pode criar conflitos, climas, que poderá trazer discórdias entre nós (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

Entretanto, nota-se que, à medida que a rotina familiar é resgatada, os pais sentem-se mais seguros em reinvestir em sua vida amorosa, conforme a fala de P2: “A novidade agora é que tem uma namorada, ela tem duas meninas, e a F2 (filha) se dá muito bem com elas, então nos finais de semana a gente tem passado todo mundo junto” (P2, 29/08/2019, em interior do RS). A esse respeito, embora o luto nunca seja considerado como totalmente terminado, pois a perda passa a constituir parte da vida dos envolvidos, considera-se que uma família saudável conseguirá, mesmo com as memórias e experiência vividas, “seguir em frente com a tarefa do viver” (Walsh & McGoldrick, 1998, p. 76). Com o tempo, espera-se que seja possível retomar rotinas fora do núcleo familiar, como pode-se perceber na fala de P4:

Eu busquei alternativas que pudessem me ajudar a passar meu tempo, me integrar de novo num ambiente em que eu pudesse me relacionar com pessoas, com mulheres, com amigos. Fui para academia, comecei futebol nos finais de semana. Eventualmente saio à noite, mas tudo em função da F4, se ela estiver em algum lugar seguro, então me sinto à vontade de poder me divertir (P4, 24/09/2019, em interior do RS).

Segundo Silva (2009), durante o processo de luto, os membros da família passam por diversos momentos para elaborar e simbolizar a perda. A mudança na rotina, as novas tarefas e os ajustes ao novo ambiente abrem espaço para um período de permissão e aceitação para que haja a continuidade da vida familiar. Na fala do participante P4, percebe-se a busca pelo prosseguimento da vida, destacando as potencialidades dessas famílias de reorganizar o sistema familiar e reinvestir em outras relações e projetos de vida, tarefas entendidas por Walsh e McGoldrick (1998) como necessárias na funcionalidade do luto familiar.

Considerações Finais

O presente estudo buscou compreender a percepção de pais (homens) em relação à monoparentalidade e ao luto da família, decorrentes da morte de suas esposas. As mudanças no contexto familiar, advindas desta nova realidade, estiveram associadas a um novo papel parental, permeado por dois fenômenos paralelos e complexos: o luto e a monoparentalidade.

Apesar da complexidade desses fenômenos e do fato de cada um dos participantes encontrar-se em um momento distinto do luto, identificou-se o esforço dos pais em dar continuidade à rotina familiar, significando a perda como propulsora para priorizar a qualidade de vida dos filhos em detrimento de um foco em si mesmos, em uma espécie de busca por amenizar a falta e a dor pela morte da mãe naquele momento. Para estes pais, desempenhar a paternidade, tendo como foco o cuidado dos filhos, representou seu maior investimento, desde o início do processo de adoecimento de suas esposas, resultando em uma reorganização do sistema familiar com o investimento voltado para dentro do sistema e para a relação pais-filhos.

Ressalta-se a importante participação de uma rede de apoio às famílias, através de amigos, familiares, profissionais como babás e a escola. Além disso, o apoio psicológico, especialmente aos filhos, foi destacado pelos pais entrevistados como fundamental para que pudessem expressar e compartilhar a dor pela morte da mãe, acolhendo as demandas

advindas deste contexto. É interessante destacar, ainda, que a presença de uma figura feminina representada por uma babá/madrinha/tia, passou a fazer parte do contexto familiar dos entrevistados, antes mesmo do falecimento da esposa/companheira. Entretanto, ressalta-se que essas mulheres não assumiram o aspecto central da parentalidade, mas facilitaram a manutenção da rotina, o seguimento das atividades escolares dos filhos, a retomada da vida profissional dos pais e, posteriormente, da vida social. Além disso, representam mais uma figura de afeto e cuidado às crianças/adolescentes. Desse modo, os homens continuaram como figuras principais de referência para as tarefas parentais em suas famílias.

A partir do relato dos entrevistados que eram pais de meninas, identificou-se preocupações relativas a “assuntos de meninas” e o desafio de adentrarem do universo das filhas, sendo amigos, acolhedores e sensíveis, aproximando-se do que se tem construído socialmente como um papel materno. Nota-se, com isso, o comprometimento paterno em suprir possíveis lacunas deixadas pela ausência materna, sendo possível e necessário reinventar-se como pai.

No desempenho da paternidade frente à morte ou com a limitada participação da figura materna, desde o processo de adoecimento das esposas, percebeu-se que os pais do estudo assumiram uma postura próxima e afetiva junto aos filhos, diversa do padrão tradicional de paternidade. O exercício desse protagonismo paterno pode estar associado ao fato de os participantes apresentarem um bom nível de escolaridade e em razão de suas atividades profissionais permitirem horários mais flexíveis de trabalho, fortificando a presença na vida diária dos filhos. A partir do exposto, destaca-se a importância de que, além de fortalecer as redes de apoio dos pais viúvos, sejam estruturadas políticas públicas e intervenções que apoiem os homens frente a tais contextos de vida para que, assim como os pais do presente estudo, tenham condições de desempenhar plenamente seus papéis de cuidadores e de referência afetiva para os filhos em face do luto.

Compreende-se que, na trajetória dos pais entrevistados, houve a imersão e dedicação à estabilização do sistema familiar, principalmente no que diz respeito aos filhos, às suas necessidades e rotinas. Posteriormente, à medida que os pais se sentiam seguros em relação a isso, permitiram-se resgatar sua vida social, amigos e lazer, considerando também a possibilidade de novos relacionamentos amorosos. Nesse sentido, compreende-se que os desafios advindos dessa realidade são muitos, não apenas em relação à criação e manutenção da saúde mental dos filhos e a vivência do luto familiar saudável, mas também ao resgate desse pai como homem, com suas necessidades e expectativas de futuro refeitas.

Como limitação do estudo, evidencia-se o nível socioeconômico dos participantes da pesquisa. Sabe-se que a morte de um dos cônjuges, conforme aponta a literatura, pode gerar um impacto financeiro na vida familiar, o que não foi identificado neste estudo, já que a renda das famílias entrevistadas favoreceu o acesso a recursos como psicoterapia e babás no auxílio ao cuidado dos filhos e no seguimento da rotina familiar. Contudo, pode-se prever que famílias com realidades socioeconômicas menos favorecidas enfrentam maiores dificuldades ao estruturar sua rede de apoio frente ao processo de luto e adaptação familiar pela morte da mãe na família. Considera-se essa temática necessária e complementar a este estudo, com a indicação de que futuras pesquisas abordem pais viúvos em diferentes contextos sociais, econômicos e culturais.

Por fim, ressalta-se a importância de novos e constantes investimentos em pesquisas nesta temática, percebendo o luto a partir do contexto familiar, sendo o pai a figura central da manutenção do equilíbrio da família. No tocante a isso, entende-se que a Psicologia tem muito a contribuir, desenvolvendo práticas de acolhimento não só em clínicas particulares, mas também no âmbito de políticas públicas, acolhendo a demanda desses pais e promovendo espaços de apoio que sejam referência a esses homens e a suas famílias.

Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Brasil. (2016). *Resolução N° 510 do Conselho Nacional de Saúde*, de 07 de abril de 2016. https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581
- Brown, F. H. (2001). O Impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo de vida familiar. In B. Carter, & M. McGoldrick. *As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar* (pp. 392–414). Artmed.
- Edwards, T. P., Yopp, J. M., Park, E. M., Biesecker, B. B., & Rosenstein, D. L. (2018). Widowed parenting self-efficacy scale: A new measure. *Death Studies*, 42(4), 247–253. <https://doi.org/10.1080/07481187.2017.1339743>
- Emer, M., Moreira, M. C., & Haas, S. A. (2016). A criança e a iminência de morte do progenitor: o desafio dos pais na comunicação das más notícias. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 19(1), 21–40. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000100003&lng=pt&nrm=iso
- Flores, G., & Kruel, C. S. (2013). A experiência da paternidade em famílias monoparentais masculinas. *Disciplinarum Scientia*, 14(2), 211–228. <https://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1758/1662>
- Giaretton, D. W. L., Olesiak, L. R., München, M. A. B., & Quintana, A. M. (2020). A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. *Revista Brasileira de Educação*, 25, e250035. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250035>
- Glazer, H. R., Clark, M. D., Thomans, R., & Haxton, H. (2010). Parenting After the Death of a Spouse. *American Journal of Hospice and Palliative Medicine*, 27(8), 532–536. <https://doi.org/10.1177/1049909110366851>

- Kübler-Ross, E. (1998). *Sobre a morte e o morrer* (8a. ed). Martins Fontes.
- Ladvocat, C. (2016). Face a Face com o Exercício da Parentalidade nas suas Diferentes Configurações. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 6(1), 134–145. <http://abratesf.org.br/2019/wp-content/uploads/2019/09/Revista-vol6.pdf>
- Lago-Falcão, T. M. (2009) *Homem não chora: Um estudo sobre viuvez masculina em camadas médias urbanas* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/519>
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. UFMG.
- Leandro, J. C., & Freitas, P. M. L. (2015). Luto infantil: a vivência diante da perda de um dos pais. *Revista UNINGÁ*, (46), 69–75. <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/1228>
- Lima, A. D. P., Vidal, A. A., Maia, A. H. N., & Silva, A. M. B. (2018). O processo de luto infantil nas crianças em processos psicoterápicos em uma clínica escola. In D. M. Viana, E. F. Boesmans, N. N. L. Evangelista, & R. C. N. Oliveira. (Orgs.). *Diversidade de práticas em psicologia*. (pp. 77–82). Conselho Regional de Psicologia da 11ª Região. <http://www.crp11.org.br/upload/Publicacao-diversidade-praticas-em-psicologia-CRP11.pdf#page=81>
- Lima, V. R., & Kovács, M. J. (2011). Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e profissão*, 31(2), 390–405. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200014>
- Luna, I. J. (2019). Narrativas de homens viúvos diante da experiência de luto conjugal. *Nova Perspectiva Sistêmica*, (64), 32–46. <https://doi.org/10.21452/2594-43632019v28n64a03>

- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2002). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. Atlas.
- Mazorra, L. (2009). *A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15837>
- McClatchey, I. S. (2018) Fathers Raising Motherless Children: Widowed Men Give Voice to Their Lived Experiences. *Omega*, 76(4), 307327. <https://doi.org/10.1177/0030222817693141>
- Minayo, M. C. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14^a ed.). Hucitec.
- Minayo, M. C., & Deslandes, S. F. (2002) *Caminhos do Pensamento: epistemologia e método*. Fiocruz.
- Paul, N. L., & Grosser, G. H. (1998). O luto operacional e seu papel na terapia familiar conjunta. In F. Walsh, & M. McGoldrick. *Morte na família: Sobrevivendo às perdas* (pp. 118–128). Artmed.
- Rosenblatt, P. C. (1997). O Luto em sociedades de pequena escala. In C. M. Parkes, P. Laungani, & B. Young (Coords.). *Morte e luto através das culturas* (pp. 41–68). Climepsi Editores.
- Silva, D. R. (2009). Famílias e situações de luto. In L. C. Osorio, & M. E. P. Valle (Orgs.). *Manual de terapia familiar* (pp. 229–245). Artmed.
- Silveira, J. S. (2020). *O luto pela perda de um filho na percepção do pai* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade do Sul de Santa Catarina]. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10413>
- Stake, R. E. (2000). Case studies. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln. (Ed.). *Handbook of qualitative research* (2^a ed., pp. 435–453). Sage.

- Teixeira, T. (2020). *Luto Paterno: a revisão integrativa da literatura brasileira acerca do pai que perdeu seu filho por causa externa* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/23979/1/Thais%20Teixeira.pdf>
- Troscki, L. (2022). *O Luto dos Pais: Como os homens entendem e enfrentam esta situação* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/235408>
- Vasconcellos, M. J. E. (2002). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Papirus.
- Walsh, F., & Mcgoldrick, M. (1998). *Morte na família: Sobrevivendo às perdas*. Artmed.
- Yopp, J. M., Park, E. M., Edwards, T., Deal, A., & Rosenstein, D. L. (2015) Overlooked and underserved: Widowed fathers with dependent-age children. *Palliat Support Care*, 13(5), 1325–1334. <https://doi.org/10.1017/S1478951514001321>
- Yopp, J. M., & Rosestein, D. L. (2013). A support group for fathers whose partners died from cancer. *Clinical journal of oncology nursing*, 17(2), 169–173. <https://doi.org/10.1188/13.CJON.169-173>